



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS (CCI) - ARAGUAÍNA-TO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

JOSIELY ARAUJO SIRQUEIRA

**MEMÓRIAS FAMILIARES ENTRE O URBANO E O RURAL:
SABERES E PRÁTICAS NOS QUINTAIS FEMININOS NO MUNICÍPIO DE
ARAGUAÍNA-TO (2023-2024)**

Araguaína, TO

2024

Josely Araujo Sirqueira

**Memórias Familiares entre o Urbano e o Rural:
Saberes e Práticas nos Quintais Femininos no Município de Araguaína - TO
(2023-2024)**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Araguaína (TO) para obtenção do título de licenciado em geografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa

Araguaína, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S621m Sirqueira , Josiely Araujo .

MEMÓRIAS FAMILIARES ENTRE O URBANO E O
RURAL:: SABERES E PRÁTICAS NOS QUINTAIS
FEMININOS NO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA-TO (2023-2024)
/ Josiely Araujo Sirqueira . - Centro de Ciências Integradas -
CCI, TO, 2024.

43 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Geografia) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientadora: Kênia Gonçalves Costa .

1. Saberes tradicionais . 2. Memória Cultural. 3. Quintais
femininos .

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ORCID – Josiely Araujo Sirqueira - [0009-0001-8022-413X](https://orcid.org/0009-0001-8022-413X)

ORCID - Kênia Gonçalves Costa - [0000-0001-5042-3472](https://orcid.org/0000-0001-5042-3472)


Josiely Araujo Sirqueira

**Memórias Familiares entre o Urbano e o Rural:
Saberes e Práticas nos Quintais Femininos no Município de Araguaína -TO
(2023-2024)**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Ciências Integradas (CCI) - Araguaína (TO) Curso de Licenciatura em Geografia. foi avaliado para a obtenção do título de Licenciada e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: **22/10/2024**


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **KENIA GONCALVES COSTA**
Data: 06/01/2025 09:57:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa – UFNT (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **LUIZ GUSTAVO MEIRA BARROS**
Data: 06/01/2025 18:50:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Gustavo Meira Barros – UFNT (Avaliador Interno)

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS ANTONIO PEREIRA NETO**
Data: 06/01/2025 09:43:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ms. Marcos Antônio Pereira Neto – PPGEU-UFG (Avaliador Externo)

Araguaína, TO

2024

Dedico este trabalho ao meu filho, Aquiles, por ser minha fonte de força e perseverança. Agradeço à minha irmã, Rafaela, e à minha mãe, pelo apoio constante, e ao meu namorado, por estar comigo em todos os momentos. Também dedico à minha avó, Dona Diná, pela inspiração, e à minha orientadora, pelo suporte essencial. Este trabalho é resultado do esforço de todos nós.

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo a mim mesma pela coragem de continuar, mesmo quando os obstáculos eram intermináveis. Em cada dificuldade, encontrei uma nova forma de me fortalecer. Não me deixei abater pelos desafios que surgiram. Persisti, acreditei e me reinventei ao longo dessa jornada. Cheguei até aqui porque nunca desisti de mim mesma.

Agradeço o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por financiar parte desta pesquisa.

Agradeço à minha irmã Rafaela e à minha mãe, que me apoiaram desde o início, cuidando do meu filho sempre que precisava ir a aula ou viajar a campo também sou grato à minha amiga e vizinha Brenda, que me ajudou com meu filho em diversas ocasiões. Ao meu namorado Lucas, pai do meu filho, agradeço por ter estado ao meu lado durante toda a graduação, me apoiando nos momentos difíceis.

Em meio à pandemia e uma gravidez de risco, pensei várias vezes em desistir, mas sempre algo me motivava a continuar, especialmente meu filho, a quem dedico esta jornada e minha vida, pois ele é minha base e força.

Outro ponto de apoio fundamental em meio às dúvidas foi minha Orientadora Dr^a. Kênia. Ela foi mais do que uma mentora; foi uma amiga que me mostrou um caminho novo dentro da geografia, algo que passei a amar profundamente. Não entrei de forma tímida, mas com entusiasmo, querendo participar do grupo de pesquisa que ela coordenava. Foi libertador ter alguém para me apoiar, mostrar novos caminhos e me incentivar a escrever e publicar em lugares que nunca imaginei. Kênia foi uma fonte de inspiração, guiando-me e operando como exemplo.

Agora, agradeço profundamente às mulheres extraordinárias que deram vida a esta pesquisa. Elas são verdadeiras construtoras de nossa sociedade, tanto no contexto urbano quanto no rural. Com seu trabalho incansável, suas práticas, seus saberes e suas dedicações, moldam a realidade ao seu redor e enfrentam desafios diários com coragem e resiliência. Sua força e contribuição são o alicerce de muitos avanços e transformações. A pesquisa só foi possível graças ao impacto significativo que elas têm em nossas comunidades. Meus agradecimentos a essas mulheres são imensos e sinceros.

Eu não estou aceitando as coisas que eu não posso mudar, estou mudando as coisas que eu não posso aceitar.

(Angela Davis)

RESUMO

Esta pesquisa aborda a interseção entre o urbano e o rural por meio dos saberes e práticas nos quintais femininos, considerando as memórias familiares que os atravessam. O objetivo é analisar como mulheres em contextos urbanos e rurais utilizam seus quintais para a produção de alimentos e práticas culturais, destacando a relevância dessas atividades no cotidiano e na construção de identidades locais. As memórias familiares desempenham um papel central, moldando as trajetórias de vida das mulheres e influenciando diretamente a organização dos quintais, preservando tradições e promovendo a continuidade de saberes ancestrais. Utilizando metodologias quali-quantitativas, foram realizadas entrevistas que permitiram uma compreensão aprofundada das práticas e desafios enfrentados. Os resultados indicam que os quintais femininos são cruciais para a manutenção das tradições, segurança alimentar e sustentabilidade, além de serem espaços de preservação das memórias familiares. Conclui-se que políticas públicas e iniciativas sociais devem considerar esses espaços para fortalecer o desenvolvimento comunitário, escolar e cultural.

Palavras-chaves: Saberes Tradicionais. Memória Cultural. Quintais Femininos, Sustentabilidade. Trajetórias de Vida.

ABSTRACT

This research addresses the intersection between urban and rural areas through knowledge and practices in women's backyards, considering the family memories that traverse them. The objective is to analyze how women in urban and rural contexts use their backyards for food production and cultural practices, highlighting the relevance of these activities in daily life and in the construction of local identities. Family memories play a vital role, shaping women's life trajectories and directly influencing the organization of backyards, preserving traditions, and promoting the continuity of ancestral knowledge. Using qualitative and quantitative methodologies, interviews were conducted that allowed an in-depth understanding of the practices and challenges faced. The results indicate that women's backyards are crucial for maintaining traditions, food security and sustainability, in addition to being spaces for preserving family memories. In conclusion, public policies and social initiatives should consider these spaces to strengthen community, school, and cultural development.

Keywords: Traditional Knowledge. Cultural Memory. Women's Backyards, Sustainability. Life Trajectories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 01: Setor Raizal	15
Figura 02: Projeto de Assentamento (PA) Rio Preto – zona rural de Araguaína (TO)	15
Figura 03: O Pedacinho de Memória da Izarete no quintal urbano no setor Raizal	25
Figura 04: Fogão a lenha no quintal da entrevistada Maria da Silva, (Araguaína Sul)	26
Figura 05: Pé de Coco Babaçu no quintal da entrevistada Terezinha (Araguaína Sul)	27
Figura 06. Quintal da Dina gerido pelas filhas (Raizal)	29
Figura 07. Maniva as ramas são cortadas para plantar	31
Figura 08: Mandioca o produto base para produção da farinha	32
Figura 09: Plantação de Mandioca	33
Figura 10: Produção de Farinhada	34
Figura 11: Secagem de Polvilho	34
Figura 12: Primeira Sala de Aula	35
Figura 13: Descascando Mandioca quintal da Dona Francisca (Rosa)	36

LISTA DE GRÁFICO

	Página
Gráfico 01: Levantamento Situacional no perímetro urbano.	23
Gráfico 02: Interconexão entre quintais.	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Banco de Dados de Teses e Doutorados
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PA	Projeto de Assentamento
PPP	Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. QUINTAIS: ENTRE CONHECER E APREENDER	19
2.1. QUINTAIS	20
2.1.1. <i>Quintais urbanos</i>	23
2.1.2. <i>Quintais rurais</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o mundo tem assistido a um reconhecimento crescente da importância dos espaços domésticos, especialmente dos quintais, como ambientes de preservação de saberes tradicionais. Quintais, frequentemente vistos como simples extensões das residências, desempenham papéis importantes na segurança alimentar, no fortalecimento das redes locais e na manutenção das plantas. Em diferentes regiões do globo, especialmente em áreas rurais e periféricas das cidades, esses espaços são o centro de práticas que respeita os alimentos e seus ciclos naturais e culturais, onde o conhecimento sobre o cultivo e o manejo da terra é passado de geração em geração, muitas vezes através da oralidade e da prática.

No contexto da América Latina, os quintais produtivos femininos ganham um destaque particular. Eles representam uma longa tradição de resistência e adaptação em meio às dificuldades socioeconômicas e às mudanças ambientais. Em países como o Brasil, esses quintais são fundamentais para garantir a segurança alimentar das famílias, especialmente nas regiões mais vulneráveis. Além disso, os quintais são frequentemente espaços de resistência cultural, onde as mulheres desempenham um papel central na preservação e transmissão de saberes ancestrais, que incluem o cultivo de plantas medicinais, hortaliças e a produção artesanal de alimentos, como a farinha de mandioca. O quintal se torna uma extensão das suas casas

Essa relação entre quintais é reforçada pelo papel que as mulheres desempenham como guardiãs desses espaços. Historicamente, eles sempre foram os responsáveis pelo cultivo de pequenas áreas ao redor de suas casas, garantindo a subsistência alimentar e, muitas vezes, gerando renda extra para a família. Esse trabalho invisibilizado, muitas vezes negligenciado nas políticas públicas e nas narrativas históricas, é fundamental para a manutenção das comunidades. Num mundo onde a urbanização crescente ameaça a diversidade orgânica e cultural, os quintais femininos surgem como centros de resiliência e inovação.

Quando voltamos nosso olhar para o Brasil, vemos que os quintais produtivos femininos são particularmente importantes nas regiões Norte e Nordeste, onde a economia familiar rural e a agricultura de subsistência desempenham papéis centrais

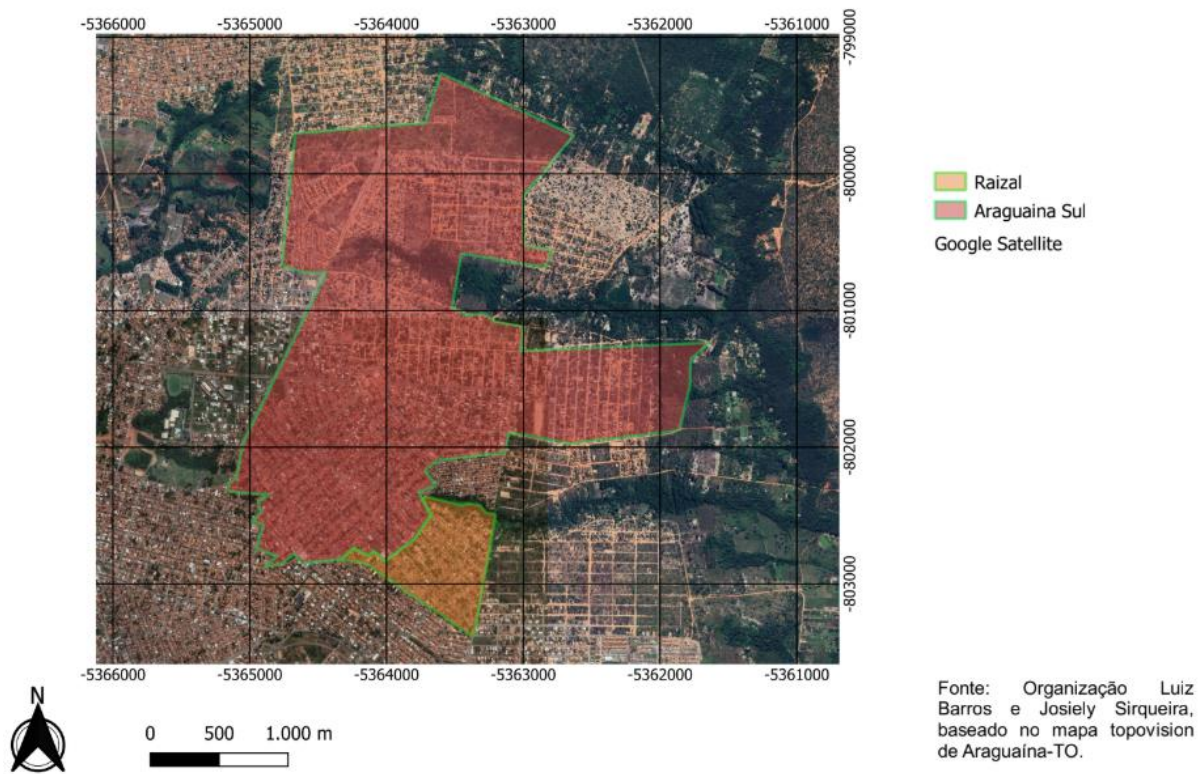
na vida das comunidades. Nessas regiões, o cultivo em pequenos quintais é responsável por uma parcela significativa da produção alimentar familiar e comunitária, garantindo a segurança alimentar e preservando práticas tradicionais.

Especificamente em Araguaína, no estado do Tocantins, esse cenário não é diferente. Araguaína, fundada em 1958, apresenta uma história marcada pela migração de populações vindas de diferentes partes do Brasil, especialmente do Maranhão, Piauí e Bahia. Ao longo dos anos, o município se consolidou como um importante polo econômico da região Norte, mas também como um espaço onde a relação entre o campo e a cidade ainda é muito presente. As mulheres de Araguaína, especialmente as que vivem em áreas rurais e periféricas, mantêm viva a tradição dos quintais produtivos. Esses espaços são utilizados para o cultivo de hortaliças, frutas e plantas medicinais, além de servirem como pontos de encontro e socialização, onde as memórias e os saberes familiares são compartilhados e transmitidos às novas gerações.

Essa pesquisa também é fruto das minhas próprias vivências e memórias afetivas, uma vez que minha avó, guardiã de muitos desses saberes, e eu fazemos parte dessa tradição de cuidado com os quintais. O cultivo da terra, o aprendizado sobre plantas e a conexão com os saberes familiares herdados por meio da oralidade e da prática tornaram-se, portanto, parte do objeto de estudo, consolidando a importância do resgate e valorização dessas experiências pessoais e coletivas.

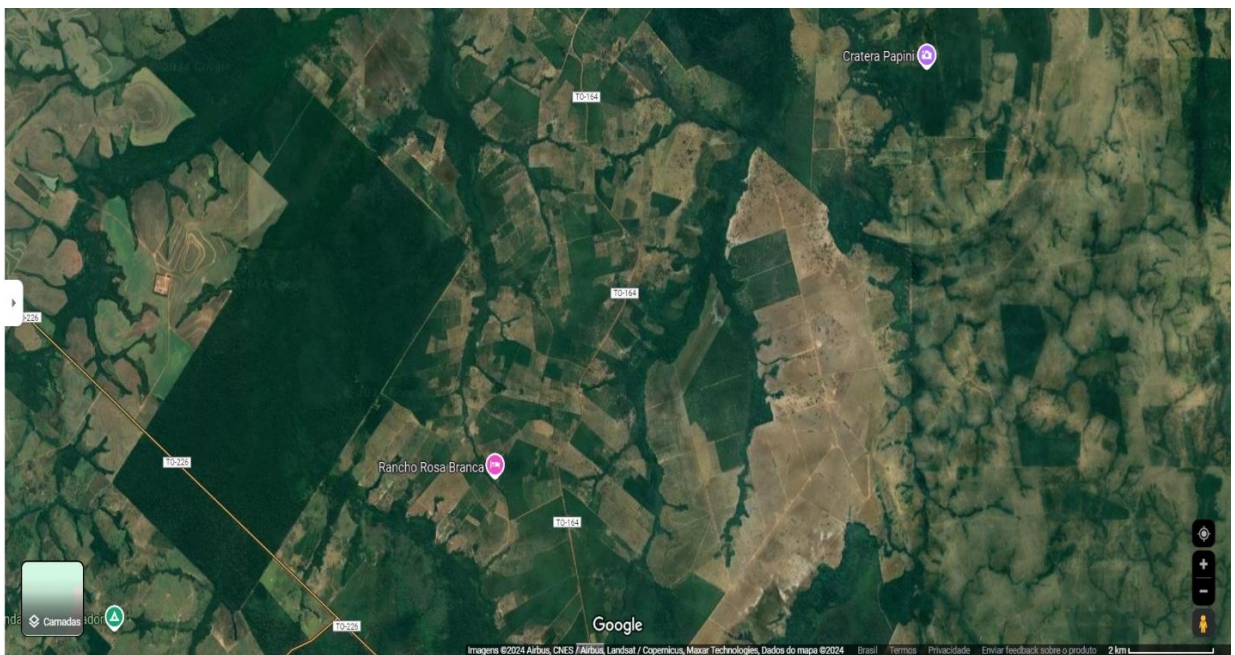
Diante desse contexto, a presente pesquisa busca compreender como os quintais femininos, tanto urbanos quanto rurais, são espaços de resistência e preservação de saberes no município de Araguaína (TO) (Figuras 01, 02 e 03). Através das memórias e narrativas das mulheres que vivem nesses espaços, pretende-se analisar a importância dos quintais na construção de identidades e na manutenção da sustentabilidade das famílias. Além disso, o estudo busca evidenciar como esses quintais, muitas vezes negligenciados, são fundamentais para o desenvolvimento social e econômico local, e como podem contribuir para a construção de políticas públicas mais inclusivas

Figura 01: Setor Raizal e Araguaína Sul.



Fonte: Araguaína, 2024.

Figura 02: Projeto de Assentamento (PA) Rio Preto – zona rural de Araguaína (TO)



Fonte: Imagem de satélite disponibilizado pelo Google Maps, 2024.

O objetivo da pesquisa é construir por meio das memórias e das narrativas a trajetória das mulheres abordando a importância desses quintais urbanos e rurais espacializadas nos setores Raizal e Araguaína Sul (zona urbana) e PA Rio Preto (zona rural) no município de Araguaína (TO) no ano de 2023 e 2024. Diante do recorte temporal e espacial foram necessários para a realização desse estudo os objetivos específicos que colaboraram foram:

- a) Identificar as relações migratórias das famílias para a cidade de Araguaína;
- b) Mapear nos setores Raizal e Araguaína Sul os quintais femininos;
- c) Mapear os quintais rurais;
- d) Analisar a contribuição feminina a partir das narrativas e memórias familiares a diversidade espacial, étnico, cultural e de gênero.

Os procedimentos metodológicos utilizados compreenderam os levantamentos: a) documentais e bibliográficos; b) características territoriais, baseadas em arranjos espaciais (Martinelli, 2008); c) caracterização do ambiente, do território e dos aspectos socioculturais (ação antrópica) (Porto-Gonçalves, 2009). Estes levantamentos permitiram as análises dos processos de produção das representações que refletirão as relações produzidas entre interlocutoras e lideranças familiares envolvidas (Almeida, 2003).

O levantamento de dados, começou em 2023, com o início do projeto de pesquisa científica intitulada: **Memórias familiares e os quintais femininos dos setores Raizal e Araguaína Sul no Município de Araguaína (TO) em 2023**, durante o levantamento documental foram usados ambientes virtuais (sites) para consultas em acervos de instituições como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); documentos de Projeto Político Pedagógico (PPP) do Governo do Estado do Tocantins e da Prefeitura Municipal de Araguaína (TO) das escolas municipais que se concentram nesses locais.

Depois do levantamento documental tive como base a compilação dos dados bibliográficos a partir do acesso ao acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); artigos de revistas das Universidades Federais e livros.

Além disso houve o levantamento cartográficos com verificação em campo em janeiro de 2024, sendo a coleta realizada a partir de um percurso observacional pelos

bairros, em busca visual de evidências das residências que apresentava quintais visíveis, fazendo um levantamento situacional (Gráfico 01) a fim de permitir elaborar uma proposta amostral para coleta das narrativas e assim validar as informações que possibilitará o contato necessário para a leitura das realidades e relações do grupo estudado.

Com as entrevistas feitas nos quintais urbanos em suas casas, no decorrer do ano de 2024, percebi um padrão nas falas das interlocutoras que era sua relação de infância com a roça, o que me fez indagar e procurar entender a intersecção entres os quintais urbanos e os rurais e o modo que se relacionam entre si. As entrevistadas apresentaram um perfil semelhante, com idades próximas, quintais com diversidade abundante de plantas e sua relação com a zona rural, onde duas tem chácaras e duas vieram de um contexto de zona rural.

O objetivo inicial da pesquisa, era entender as trajetórias femininas, abordando a importância deles para a construção da sociedade de Araguaína (TO), e ao realizar as entrevistas foram feitas conexões com os quintais rurais que também são locais de aprendizagem e transmissão de saber, abordando o conceito de lugar ao qual essas mulheres pertencem e o conceito de paisagem, a fim de discutir o meio natural e o meio urbano.

De forma que compõem esses quintais, suas trajetórias, transmissão de saberes e a arte de cultivar, as escolas e o município incentivam essas práticas agroecológicas, com a produção da horta comunitária e de projetos verdes nas escolas, que envolvem os/as estudantes na plantação de árvores e hortas que serão usadas no alimento deles, com esses projetos, fica evidenciando a importâncias de abordar os quintais, pois, essas e outras mulheres contribuem na perpetuação do manejo de hortaliças.

Dentro do contexto de ensino de geografia, é importante abordar a preservação dos quintais, bem como os quintais rurais na perpetuação dos saberes tradicionais, contextualizando o sentido de lugar e paisagem e abordando como a “MULHER” interage com a natureza e o homem transforma esse espaço em algo dele.

No capítulo “Quintais: entre conhecer e apreender”, será abordado o conceito de quintais, compreendido tanto em sua forma urbana quanto rural. Os quintais urbanos, por exemplo, destacam-se como espaços de socialização, lazer e cultivo

doméstico, enquanto os quintais rurais se caracterizam pela produção agrícola de subsistência e pela preservação de saberes tradicionais. A partir dessa distinção, será apresentada uma análise comparativa entre esses dois tipos de quintais, observando suas semelhanças e diferenças no que se refere à relação com a paisagem e o lugar. Posteriormente apresentaremos as considerações finais e as referências bibliográficas que alicerçaram esta pesquisa.

2. QUINTAIS: ENTRE CONHECER E APREENDER

Neste capítulo, discutiremos a caracterização das quintas a partir da definição de lugar, compreendendo o espaço de moradia como um ponto central de memória, identidade e resistência. Assim, os quintais se tornam não apenas espaços financeiros, mas também objetos de estudo que revelam as relações afetivas e culturais que neles se desenvolvem. Eles refletem práticas cotidianas, preservam saberes tradicionais e atuam como símbolos de resistência frente às transformações urbanas e rurais, consolidando-se como parte fundamental na construção de identidades e pertencimento. Para tal usaremos como base os seguintes pesquisadores: Tuan (1975), Martinelli (2008), Porto-Gonçalves (2009), Pombo (2008), Santos (1988), Ratts (2000), Halbwachs (1990) e Ellen (1996).

Trazendo uma base a partir de Tuan (1975), com o conceito de lugar que se é construído por meio das relações afetivas e culturais dos indivíduos com o espaço o sentido de lugar, a partir de Tuan, é essencial para entender os quintais femininos como espaços carregados de significados, onde as experiências vívidas e as práticas culturais transformam o espaço físico em um lugar de identidade e pertencimento.

Em relação à caracterização territorial e aos arranjos espaciais, Martinelli (2008) fornece uma base importante ao abordar a interação entre o ambiente e o território, mostrando como as práticas humanas influenciam a organização espacial. A ação antrópica e suas implicações socioculturais são discutidas por Porto-Gonçalves (2009) e Pombo (2008), que oferecem perspectivas relevantes para entender como a construção social de Araguaína (TO) se relaciona com seus aspectos geográficos e culturais.

Nesse contexto, Milton Santos, em a sua obra “Metamorfose do Espaço Habitado” (1988), contribui ao discutir a paisagem de forma que destaca as relações entre o meio natural e a ação social, o que destaca que os quintais femininos podem ser compreendidos como paisagens dinâmicas, moldadas pelas práticas cotidianas e pela transformação histórica da relação das mulheres com o espaço.

Essas análises são complementadas pelo trabalho de Alex Ratts (2000), que destaca a multiplicidade de territorialidades e repertórios de lugares, muitas vezes invisíveis na narrativa histórica oficial, mas fundamentais para a compreensão de uma

região, sendo os quintais femininos exemplos de tais territórios. Além da dimensão territorial, o estudo enfatiza a importância da memória coletiva, conforme teorizado por Halbwachs (1990), cujas contribuições metodológicas permitem investigar como as memórias familiares e comunitárias moldam a identidade coletiva.

Por fim, o conceito de conhecimento transmitido, desenvolvido por Ellen (1996), complementa a análise, ao evidenciar como os saberes tradicionais, relacionados aos quintais femininos, são preservados e transmitidos entre gerações, assegurando a continuidade cultural e identitária das comunidades.

2.1. QUINTAIS

A população dessa região centro-norte tocantinense foi composta pelos moradores nascidos no antigo norte goiano e imigrantes de outros estados como: o Maranhão, o Piauí e a Bahia, além das populações originárias e tradicionais. Observando o passado vemos a história ser contada por lideranças, mas um território não existe sem as múltiplas territorialidades e um repertório de lugares (Ratts, 2000). Neste sentido investigaremos acerca dos repertórios de lugares contado sobre o recorte espacial do município de Araguaína (TO) e como esses ficam ocultos ao longo da história. Neste sentido, investigaremos os repertórios de lugares narrados a partir dos quintais urbanos e rurais das mulheres de Araguaína (TO) e como esses espaços, carregados de saberes e práticas femininas, ficam ocultos ao longo da história. O estudo busca revelar as dinâmicas e memórias que permeiam os quintais, compreendendo-os como espaços que resguardam tradições familiares e comunitárias, muitas vezes ignoradas nos registros oficiais da cidade, porém usados informalmente em projetos de escolas como as “Hortas Verdes”.

No contexto brasileiro, especialmente nas regiões norte e nordeste, observa-se que muitas mulheres, diante de adversidades como o abandono por parte de seus maridos que migram em busca de melhores condições financeiras, assumem o papel de líderes de suas famílias (Brito, 2020). Nessa posição, elas se dedicam à construção e gestão de quintais produtivos, tanto em áreas urbanas quanto rurais. Esses quintais tornam-se, então, extensões de suas casas, onde cultivam alimentos para consumo

próprio e, por vezes, para comercialização, garantindo a segurança alimentar e a sustentabilidade de suas famílias.

A interseção entre os espaços urbano e rural revela-se uma área fértil para a investigação dos saberes e práticas que permeiam os quintais femininos. Estes quintais, geridos por mulheres, são locais onde se entrelaçam por meio de práticas e saberes transmitidos oralmente (Ellen, 1996), saberes sobre a produção de alimentos e práticas culturais, constituindo-se como espaços de saber e resistência e preservação de identidades locais.

As memórias familiares desempenham um papel central na organização e manutenção desses quintais. São elas que moldam as trajetórias de vida das mulheres, influenciando diretamente as práticas adotadas na produção agrícola e na gestão do espaço. Através das memórias, conhecimentos ancestrais são preservados e transmitidos, assegurando a continuidade de saberes tradicionais que, de outra forma, poderiam se perder. Além disso, os quintais femininos funcionam como espaços de socialização e troca de experiências, onde as mulheres compartilham suas histórias, trajetórias e seus conhecimentos, fortalecendo laços comunitários.

A história de vida dessas mulheres reflete processos de trajetórias socioespaciais, conforme definidos por Cirqueira (2010), que envolvem as relações entre experiências vívidas, espaço e tempo. Segundo o autor:

[...] envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências não se dão do nada e, muitas vezes, os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias, firmando-se como referências simbólicas e materiais para o indivíduo [...]

Nesse contexto, o fluxo de migração das décadas de 1970 a 1990 pode ser entendido como parte dessas trajetórias socioespaciais, marcando não apenas deslocamentos físicos, mas também transformações simbólicas e materiais nos lugares ocupados pelas mulheres entrevistadas. A migração se torna, assim, um dos elementos que moldam suas trajetórias, conectando suas histórias de vida às dinâmicas espaciais que definem suas identidades e práticas cotidianas.

Este estudo busca, portanto, analisar como as mulheres em contextos urbanos e rurais utilizam seus quintais para a produção de alimentos e práticas culturais,

destacando a relevância dessas atividades no cotidiano e na construção de identidades locais. Pretende-se, ainda, compreender de que maneira as memórias familiares influenciam essas práticas, contribuindo para a preservação de saberes ancestrais e para a sustentabilidade das comunidades. Através de metodologias quali-quantitativas, incluindo entrevistas e observações, espera-se alcançar uma compreensão das dinâmicas que envolvem os quintais femininos, oferecendo subsídios para a elaboração de políticas públicas e iniciativas sociais que reconheçam e valorizem esses espaços como fundamentais para o desenvolvimento comunitário, escolar e cultural.

Portanto, essa pesquisa se inicia com a realização da iniciação científica como bolsista do CNPq intitulada “(Memórias familiares e os quintais femininos dos setores Raizal e Araguaína Sul no Município de Araguaína (TO) em 2023)” onde a proposta se dava em mapear os quintais urbanos em Araguaína (TO) nos setores Raizal e Araguaína Sul e ao realizar as entrevistas com as mulheres selecionadas, identificamos que uma delas possuía um quintal rural o que nos levou ao Projeto de Assentamento (PA) Rio Preto, e assim ampliando o mapeamento para os quintais rurais do assentamento, fazendo uma interlocução entre os quintais urbanos e rurais.

Fazendo uma análise da diferença entre os territórios, paisagens e culturas através das memórias coletivas e familiares e dos seus quintais. Na etapa empírica da pesquisa, as entrevistas foram fundamentais para registrar, por meio da oralidade, os saberes dessas mulheres sobre a produção de farinha e a relação com seus quintais. Esse processo, conforme Marangoni (2005), envolve métodos diversos para lidar com as variações emocionais e afetivas que surgem durante as interações humanas.

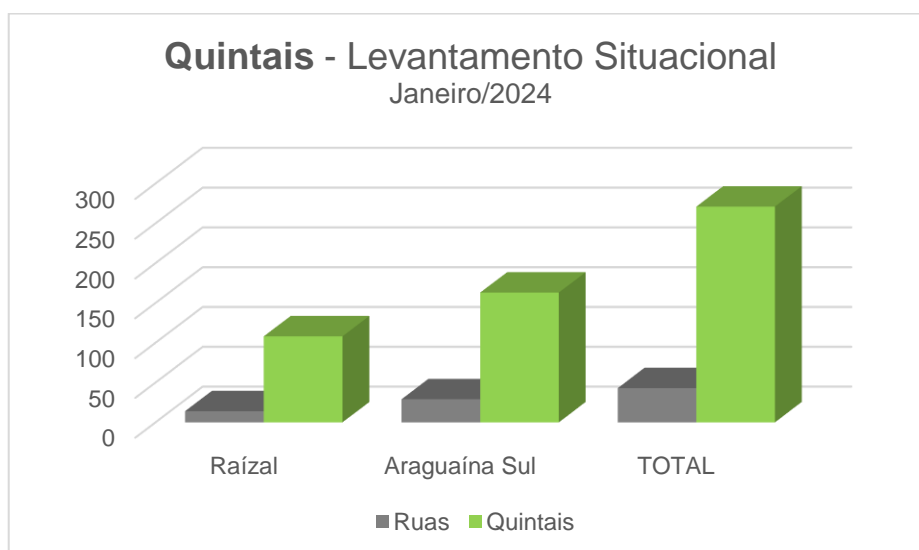
Feyerebend (1977) afirma que a ciência visa simplificar o meio em que se vive, procurando conclusões gerais a partir de fatos específicos, procedimento generalista, podendo levar a interpretações conflitantes ou errôneas, pois, a história é complexa, repleta de enganos. A partir dessa percepção de que a história é complexa, e repleta de enganos buscamos através desse trabalho trazer os fatos de forma corretas e não mais tornar elas, as interlocutoras dessa pesquisa, as apagadas da história.

2.1.1. Quintais urbanos

Falar sobre quintais urbanos remete às memórias da infância e aos saberes que transpassam gerações. Para mim, o quintal sempre foi um espaço de liberdade e conexão com a terra, onde o simples ato de colher hortaliças para o almoço ou saborear frutos como acerola, caju, manga, ciriguela e o famoso pequi do Tocantins, transcende o cotidiano. Esse saber de plantar e cultivar, aprendido através das mulheres da minha família, reflete o que Ellen & Harris (1996) definem como conhecimento tradicional, caracterizado por ser local, subentendido e transmitido oralmente, pela imitação e demonstração. Esse conhecimento é fruto da experimentação e não da teoria formal, sendo aprendido pela repetição e continuamente atualizado, embora, para observadores externos, possa parecer estático.

No âmbito desta pesquisa, foram realizados levantamentos de dados de campo em dois setores urbanos de Araguaína (TO), Raízal e Araguaína Sul, para analisar como os quintais refletem e mantêm esses saberes. A coleta de dados incluiu a identificação das ruas, número das casas ou quadras e lotes, permitindo uma compreensão preliminar dos quintais nesses setores. Até o momento, foram identificadas 113 residências no setor Raízal e 155 no setor Araguaína Sul, embora esta última ainda não tenha sido completamente mapeada. O gráfico 01 apresenta um levantamento situacional das residências observadas até o momento.

Gráfico 01: Levantamento Situacional no perímetro urbano.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Além dos dados quantitativos, esta pesquisa confirma a importância do contexto social e histórico na construção dos quintais, especialmente na relação com as mulheres. A discriminação contra as mulheres é uma questão estrutural, disseminada desde a antiguidade em sociedades patriarcais, onde os papéis de gênero são rígidos e limitantes (Pereira, 2012). No entanto, conforme apontado por Brito (2020), as mudanças socioeconômicas, como o êxodo de homens em busca de melhores oportunidades de trabalho nas regiões sul e sudeste, deixaram muitas mulheres do norte e nordeste à frente das famílias. Esse movimento forçou-as a assumir o papel de provedores, transformando seus quintais em espaços produtivos, muitas vezes desafiando a visão tradicional do gênero.

Neste sentido contamos com a colaboração das interlocutoras que concederam as entrevistas, para iniciarmos iremos apresentá-las:

- a) Izarete da Silva de Oliveira, que nasceu na década de 1970, em sua trajetória advinda de Xambioá (TO), passou por Araguaína, Muricilândia e Dianópolis (TO) se fixando em Araguaína (TO) em meados dos anos 2000, hoje professora da rede básica.
- b) Dina de Araujo Nascimento, chegou no município de Araguaína (TO) nos anos 1990, sua trajetória vai além, pois além de ter um quintal produtivo na cidade, possui um quintal produtivo no assentamento (PA Rio Preto) ao qual reside, produtora rural.
- c) Maria da Silva, nasceu em Tocantinópolis (TO) na década de 1958, se mudou para Araguaína com marido e filhos nos anos 1980 (Dona de casa).
- d) Teresinha de Jesus Chaves Ribeiro nasceu nos anos de 1960 em Itaguatins (TO), veio para Araguaína em 1987 em busca de melhores estudos para as filhas.

As entrevistas realizadas com quatro mulheres dos setores Raizal e Araguaína Sul revelam histórias marcadas pela resistência e pela capacidade de adaptação. Esses quintais produtivos, além de serem espaços de cultivo de alimentos, são também locais de preservação cultural e transmissão de saberes tradicionais. As narrativas colhidas destacam não apenas as práticas de cultivo, mas também os desafios enfrentados no cotidiano dessas mulheres, que transformaram os quintais em extensões de si mesmas, refletindo suas memórias e trajetórias de vida.

Como afirmou uma das entrevistadas: “*O meu quintal é um pedacinho de memória dos meus pais*” (Izarete, 2024) (Figura 04). Essa fala reforça a importância dos quintais como espaços de aprendizagem e continuidade, onde o conhecimento é passado de geração em geração, muitas vezes de maneira informal, mas profundamente enraizado na vivência familiar e comunitária.

A partir dessas entrevistas, fica evidente que os quintais urbanos não são apenas locais de produção, mas territórios de resistência, onde as mulheres exercem sua autonomia e recriam formas de existência que dialogam com o passado e o presente.

Figura 03: O Pedacinho de Memória da Izarete no quintal urbano no setor Raizal



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

Nos quintais urbanos, o ambiente muitas vezes é repleto de vida, refletindo o carinho e a dedicação de mulheres que cultivam plantas e flores. Entretanto, há também aqueles que não acompanham o mesmo amor pela jardinagem. O exemplo da Dona Maria da Silva que possui seu quintal repleto de plantas, porém, são cultivados pela sua filha caçula, pois, ela não gosta de cuidar, porém o seu quintal possui um fogão a lenha (Figura 05), onde cozinha seu feijão todo dia e a horta de cebola e cheiro-verde.

[...]passo a semana cozinhando na lenha, porque só gosto de feijão cozinhado na lenha, ossada também, não gosto de colocar feijão em geladeira, não gosto, muda o sabor, coloco lenha, e deixo aí, quase desmanchando [...] (Silva, 2024)

Figura 04: Fogão a lenha no quintal da entrevistada Maria da Silva, (Araguaína Sul)



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

A dona Teresinha por sua vez desenvolveu seu quintal desde que o comprou,

[...] quando cheguei aqui não tinha nada plantado, plantei ele e comecei a plantar uns pé de manga, quando vi, já tinha 9 pé de manga não secava mais roupa, 1 na frente de casa e 8 no fundo do quintal e ele tava pequeno a troncheira meio grande, mais não botava, com a cortada dos pés de manga, caiu uma galha em cima dele, me disseram ranca e eu disse não deixa aí, corta certinho que ele dá, pensei que não começou botar e agora tem que levar da roça pra quebrar lá [...] (Ribeiro, 2024)

O coco babaçu (Figura 06) é uma referência de cultura e sustentabilidade para a região norte, como podemos apreender com a lutas das quebradeiras de coco que se organizam desde a 1990 para manter os babaçuais, como podemos ver na página do movimento intitulada “Filhas da Mãe Palmeira - As Quebradeiras de Coco Babaçu” (MIQCB, 2024)

Nós, mulheres do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, nos unimos em 1990 para lutar por nossa autonomia e qualidade de vida e para proteger as florestas de babaçuais, onde vivemos e trabalhamos. Representamos mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu presentes no Pará, Maranhão, Tocantins e Piauí, e buscamos fortalecer nossa identidade como povo tradicional e demandar nosso direito à terra, ao território e ao acesso livre aos babaçuais. Com nossa força e trabalho, alimentamos a Mãe Palmeira. Em retribuição, ela sustenta a todas nós. Afinal, o coco que a Mãe Palmeira gera e nos fornece se transforma em alimento, renda e abrigo.

Essa relação com essa paisagem que vive na memória fica muitas vezes registradas em suas vidas.

Figura 05: Pé de Coco Babaçu no quintal da entrevistada Terezinha (Araguaína Sul)

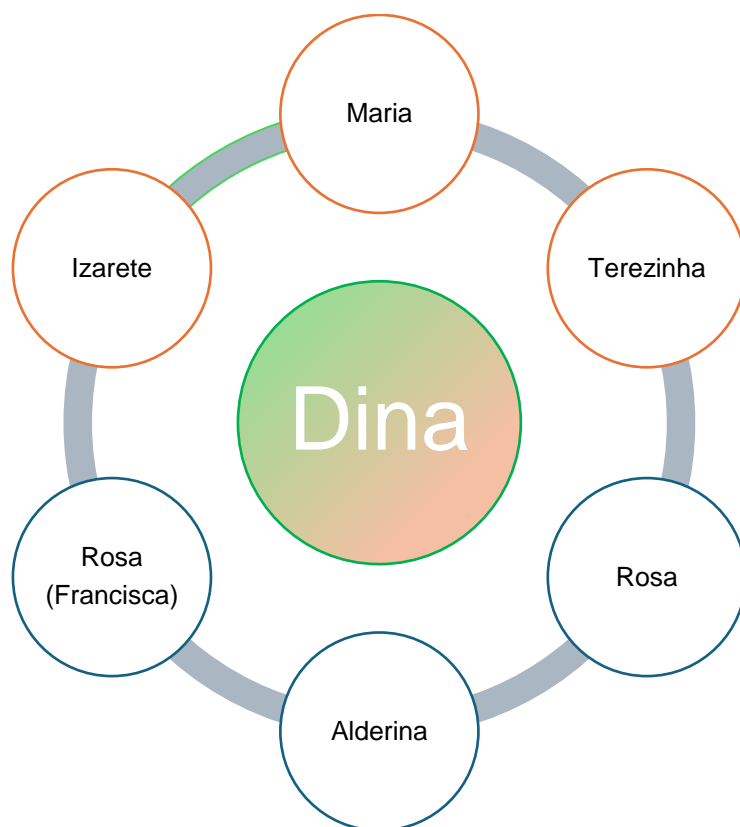


Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

Dessa forma, apresento a última interlocutora, que encerra o ciclo de relatos e contribuições essenciais para compreender as relações entre os quintais urbanos e rurais. A seguir, apresento o Gráfico (02) que visualiza a ligação entre a interlocutora

Dina e as demais mulheres entrevistadas. O gráfico destaca Dina, com sua experiência de transição entre o rural e o urbano, que estabelece conexões com os outros interlocutores por meio de práticas e o cultivo de alimentos nos quintais. Ele evidenciará os pontos de interseção entre as histórias, ressaltando a preservação de saberes tradicionais, o uso dos quintais como espaços de resistência e a continuidade dessas práticas.

Gráfico 02: Interconexão entre quintais.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Dina, é a figura central na conexão entre os quintais urbanos e rurais. Ao se mudar para Araguaína com seu pai, sogra, marido, cinco filhos e dois irmãos, ela iniciou uma nova vida em um ambiente desconhecido e sem muitos recursos.

[...] vim para Araguaína, com a cara e a coragem, não tínhamos nada e nem onde ficar, conseguimos um lote no Raizal, era uma invasão na época, no meu quintal a gente sempre plantou, mandioca, feijão, mamão e eu sempre tive meus canteiros, sempre aproveitei ele e abobora sempre tive, porque quando chove dá muito[...] (Diná. 2024).

No seu quintal, ela criou um espaço de resistência e subsistência ao plantar feijão, mandioca, acerola, manga, ciriguela, mamão, além de cultivar hortaliças e abóbora em canteiros. Esse quintal simboliza o elo entre as práticas rurais de cultivo e a adaptação à vida urbana, refletindo o papel essencial das mulheres no cuidado com a terra e na preservação de saberes tradicionais.

Dina conquistou um lote no Projeto de Assentamento Rio Preto por meio de um sorteio, onde pôde continuar com suas práticas agrícolas, com a farinha sendo a base de sua produção. Atualmente, seu quintal urbano permanece ativo, sendo cuidado por duas de suas filhas que ainda residem na casa. Seu quintal, tanto no espaço rural quanto no urbano, exemplifica a continuidade das tradições agrícolas familiares e a importância do cultivo na vida dessas mulheres, mostrando a força das conexões entre o campo e a cidade, e o legado passado de geração em geração.

Figura 06. Quintal da Dina gerido pelas filhas (Raizal)



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

Os quintais urbanos são espaços que vão além do simples cultivo de hortaliças e frutas, como acerola, caju, manga, mandioca, ciriguela e o pequi. Eles representam uma conexão profunda com a terra e com as memórias de infância, sendo locais onde se cultivam não apenas alimentos, mas também saberes e tradições familiares. Aprendidos principalmente através das mulheres da família, esses conhecimentos são passados de geração em geração, refletindo o conhecimento tradicional que valoriza a experiência prática e a oralidade. Assim, os quintais urbanos emergem como ambientes de liberdade e afeto, onde o ato de plantar e colher transcende o cotidiano, tornando-se um elo entre o passado e o presente, contribuindo para a formação da identidade e a preservação da cultura.

2.1.2. Quintais rurais

Os quintais rurais são espaços centrais na organização produtiva e na vida cotidiana das famílias no campo. Mais do que áreas ao redor das casas, eles são locais de cultivo diversificados, onde coexistem hortaliças, frutas, plantas medicinais e criações de pequeno porte, garantindo subsistência e segurança alimentar. Esses quintais produtivos se destacam pela capacidade de integrar saberes tradicionais ao manejo agroecológico, como Ana Maria Primaversi (2008) explica na concepção ecológica que é um

[...] sistema natural de cada local, envolvendo o solo, o clima, os seres vivos, bem como as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida. Sempre que os manejos agrícolas são realizados conforme as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado. Por essa razão, a Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor desenvolvida a partir de suas experiências e observações locais.

sendo mantidas principalmente pelas mulheres, que utilizam conhecimentos transmitidos de geração em geração para cultivar alimentos essenciais para a família. Além de prover alimentos, os quintais rurais também são locais de produção agrícola, onde a mandioca ocupa um papel de destaque.

A plantação de mandioca, peça-chave na produção de farinha, muitas vezes começa nesses quintais, sendo manejada com os mesmos cuidados dedicados às hortaliças e plantas medicinais. Nos quintais produtivos, o ciclo da mandioca começa com o plantio da maniva (que são pedaços cortado do talo da mandioca), que, assim como outras culturas, é cercado por práticas tradicionais que envolvem o uso de técnicas passadas oralmente por todas as gerações. Essa interação entre o cultivo de alimentos diversos e a mandioca evidencia como os quintais não são apenas espaços de subsistência, mas também de autonomia e resistência cultural.

As mulheres, que desempenham o papel central tanto nos cuidados com o quintal quanto na produção da mandioca, perpetuam esses saberes enquanto cuidam da terra e da família, conectando o espaço doméstico à produção agrícola.

Nas casas das entrevistadas, a produção de farinha é manual e conta com a participação de todos os membros da família em diferentes fases: o plantio da maniva nos quintais, o cuidado e a manutenção da mandioca até a colheita. Quando as mandiocas são arrancadas da terra, as ramas são cortadas (Figura 07), assim se transformando em manivas, e guardadas para replantio, perpetuando o ciclo agrícola e garantindo a continuidade da produção familiar (Figura 08).

Figura 07. Maniva as ramas são cortadas para plantar.



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

Figura 08. Mandioca o produto base para produção da farinha.



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

Os saberes foram sendo apresentados pelas entrevistas, iniciando pela interlocutora Dina de Araújo Nascimento, elo que conectou os quintais urbanos e rurais nesta pesquisa, que chegou ao assentamento em 1995, com seis filhos, após migrar de Barra do Corda (MA), vinda de uma família de 13 irmãos, ela conquistou o lote por meio de um sorteio liderado pela comunidade Raimundo Reis. A produção de farinha em sua casa é realizada individualmente, mas, ocasionalmente, ela cede ou trabalha em parceria na casa de farinha.

As outras entrevistadas que somaram na construção do conhecimento dessa pesquisa são:

- a) Rosa Ferreira da Conceição: Com 66 anos, Rosa veio da região do Estreito e reside no assentamento há mais de 30 anos. Mãe de quatro filhos, é uma produtora de farinha reconhecida.
- b) Alderina de Sousa Barbosa: Aos 61 anos, chegou ao assentamento em 1993 com três filhos. Na época, foi em seu quintal que por não haver escola e sim muitas crianças no local, os moradores uniram esforços para trazer uma professora, que por três anos que desenvolveu suas atividades sob a sombra de uma árvore.
- c) Francisca Áurea (Rosa, pois, segundo sua mãe, ela comia-as quando pequena): Nascida no Ceará em 1978, chegou ao assentamento em 1992, aos 14 anos. Apelidada de Rosa, pois por seu fascínio com flores desta forma assim faremos referência a ela nesta pesquisa, ela foi a única de 15 irmãos que encontraram na roça para produzir farinha, enfrentando a "penitência" de seguir na vida rural.

As técnicas de processamento da mandioca, que começam no quintal (Figura 09) e se estendem à casa de farinha, esse processo começa com a plantação, da raiz, que é cortada em pequenos pedaços (maniva), e plantadas nas covas, a mandioca ela é adaptada ao clima, sendo plantada no inverno garantindo uma boa colheita, onde a maniva (mandioca/macaxeira/aipim) é descascada colocada de molho para lavar, depois, ralada, prensada, peneirada, torrada definindo o produto final, resultando em diferentes tipos de farinha (Figura 10).

O processo do polvilho é diferente, quando a mandioca é prensada, ela é retirada e lavada e com a água que lavou a massa é derramada em baldes e deixada por volta de 1 ou 2 dias até que o farelo se sente ao fundo do balde, dessa forma a água dos baldes é derramada e depois inicia o processo de tirar a massa e levar ao sol até secar (Figura 11) esses produtos, além de serem consumidos no dia a dia, também representam a continuidade de uma tradição familiar e comunitária, na qual o quintal rural e a mão de obra de mandioca se entrelaçam, formando um sistema produtivo que resiste às pressões externas e garante a subsistência da família.

Figura 09: Plantação de Mandioca



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

Figura 10: Produção de Farinhada



Fonte: Pereira (2024)

Figura 11: Secagem de Polvilho



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

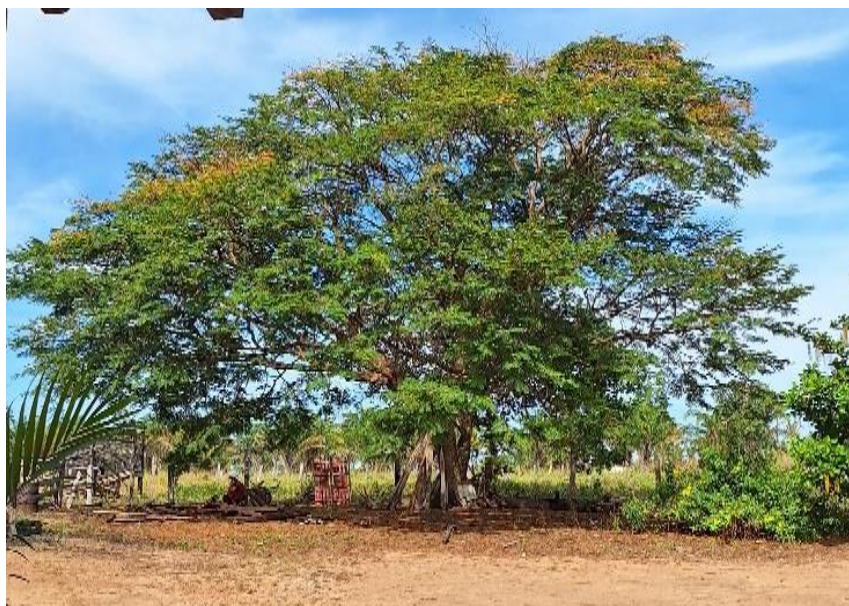
Diante desse processo a mulher participa de todo o processo, desde a colheita até a torração, revezando entre cuidar do café da manhã (quebra jejum) e almoço; participar do processo de ralação com a máquina, vale ressaltar que é um processo perigoso e requer de cuidados, contudo, as famílias não têm Equipamento de Proteção Individual (EPI) para caso de acidentes, como o que ocorreu no relato de Diná de Araujo Nascimento, entrevistada em maio de 2024,

[...] onde ela teve parte dos dedos, amputados por negligência, o acidente foi causado pela bola de ralar mandioca que era movido a gasolina, e como não tinha carros acessíveis chegou ao pronto atendimento na cidade de Santa Fé (TO) já a noite e os enfermeiros trataram o ferimento como um corte raso e não deram a devida assistência, voltou para casa e continuou sentindo dor, passou alguns dias e voltou ao pronto socorro onde foi devidamente atendida, porém precisava de cirurgia, porém ela se recusou a fazer a reparação. São relatos como esse que mostram a falta de assistência básica e postos de saúde nos assentamentos [...].

Outro relato importante é o da Dona Alderina de Sousa Barbosa, que narra sobre como os esforços foram coletivos e como não havia escola no local a comunidade se uniram conseguiram uma professora

[...] juntamos os moradores e fomos buscar uma professora na Araguaína para poder dar aula para os meninos, a professora deu aula por 3 anos embaixo de um pé de jameirão [...] (Figura 11)

Figura 12: Primeira Sala de Aula



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

Com essa realidade, muitos dos/as filhos/as buscam a cidade para morar e crescer profissionalmente, das entrevistadas, todas tiveram filhos/as e apenas a Dona Rosa tem os filhos morando no assentamento.

Pois, como disse Dona Rosa (Francisca Áurea) sobre viver no assentamento (Figura 14) “[...] *todos meus irmãos se deram bem na vida, só eu fiquei nessa penitência [...]*”

Figura 13: Descascando Mandioca quintal da Dona Francisca (Rosa)



Fonte: Fotos de arquivo pessoal tiradas em maio de 2024.

A manutenção do território está conectada a permanência, sobrevivência e identidade na terra, para isso precisa que as mulheres migrantes que mantêm suas ancestralidades por meio das conversas com a comunidade e a escola, através de projetos como a horta verde. A produção de farinha articula este grupo de famílias assentadas no PA Rio Preto no município de Araguaína (TO).

A perspectiva feminina no cotidiano rural revela a subalternização do trabalho das mulheres, especialmente nas tarefas domésticas e agrícolas. A ideia machista de

que "atrás de um homem de sucesso há sempre uma mulher (ditado popular)" relata regularmente que essas mulheres, muitas vezes exaustas, são peças centrais no sustento da família. No meio rural, essa realidade se amplia, pois as mulheres não apenas cuidam da casa e dos/as filhos/as, mas também desempenham um papel fundamental na agricultura familiar, desde o cultivo no quintal até a produção de farinha.

As mulheres do assentamento, participam tanto na produção de farinha quanto no cuidado familiares. Muitas delas estão assentadas há mais de 30 anos, e as histórias de vida trazem à tona uma luta constante pela subsistência e manutenção de suas identidades culturais. A migração do Nordeste trouxe tradições e esperanças de uma vida melhor, e o assentamento, fruto de uma ocupação para garantir o direito à terra, tornou-se o cenário onde essas mulheres constroem suas histórias.

Conforme Silva (2009), muitas mulheres não percebem a repressão de gênero a que são submetidas, naturalizando suas funções no espaço doméstico e produtivo. Essa naturalização pode ser observada nas histórias das entrevistadas, que mesmo envolvidas profundamente na produção agrícola, veem suas tarefas como parte do papel tradicional que lhes foi atribuído. As quatro mulheres entrevistadas residem no assentamento desde os anos 2000 e têm produção de farinha com base na subsistência familiar. Curiosamente, enquanto alguns filhos migraram para as cidades, as filhas mulheres são frequentemente as que permanecem no campo, perpetuando os saberes tradicionais.

Os resultados desta pesquisa envolvem o papel dessas mulheres na produção de farinha, destacando sua importância para a subsistência familiar e a manutenção dos quintais produtivos, que também garantem alimentos para a saúde, como plantas medicinais. Uma análise da desigualdade de gênero nesse contexto revela a sobrecarga de trabalho feminino, tanto no espaço doméstico quanto no campo, onde os quintais são cultivados com plantas alimentares e medicinais, como capim-santo e boldo.

O presente estudo revelou que os quintais femininos, tanto urbanos quanto rurais, desempenham um papel fundamental na vida das mulheres e de suas famílias, funcionando como espaços de preservação de saberes, de resistência econômica e de construção de identidades. Os quintais, frequentemente relegados ao segundo plano nas narrativas e políticas públicas, mostraram-se essenciais para a segurança

alimentar e a sustentabilidade, especialmente em contextos socioeconômicos mais desafiadores, como no município de Araguaína (TO).

A pesquisa evidenciou que as mulheres não só mantêm a cultura do cultivo nos quintais, mas também perpetuam práticas agroecológicas que contribuem para a biodiversidade local e para a manutenção das tradições familiares. O manejo da terra, o cultivo de hortaliças e plantas medicinais, e a produção de alimentos como a farinha de mandioca são algumas das práticas que, além de garantir a subsistência familiar, proporcionam autonomia e empoderamento para essas mulheres.

Outro ponto importante revelado foi o papel dos quintais como espaços de socialização e transmissão de saberes. Eles funcionam como locais de troca entre gerações, onde conhecimentos sobre o cultivo e o manejo da terra são repassados informalmente, mas com grande impacto cultural. Essas práticas reforçam o papel das mulheres como guardiãs do conhecimento tradicional, transmitido de geração em geração.

Através das entrevistas e da coleta de dados de campo, foi possível identificar que os quintais femininos são um símbolo de resiliência, especialmente em um contexto de abandono por parte de maridos e de um sistema econômico que muitas vezes exclui as mulheres de suas estruturas formais. Nesses quintais, elas encontram uma forma de resistência à marginalização, ao mesmo tempo que fortalecem os laços familiares e comunitários.

Esse cenário de negligência está começando a ser revertido com a alteração da LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), onde era obrigatório a abordagem das perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio, com a alteração da lei torna-se obrigatório a abordagem das perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio para escolas públicas e privadas devendo incluir diversos aspectos da história das ciências e das artes a partir da perspectiva feminina.

Essa legislação é um marco importante, pois regular o papel fundamental das mulheres na história de forma a resgatar a experiências e vivências e suas conquistas dentro nas áreas das ciências, cultural, social, artística, econômica e política.

Na perspectiva cultural nos leva a preservação dos saberes tradicionais, incluindo o manejo dos quintais, e buscar integrar esses conhecimentos no currículo

educacional e em políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável. Ao garantir que as experiências e o conhecimento das mulheres sejam valorizados e transmitidos às próximas gerações, a lei fortalece o reconhecimento da contribuição feminina para a segurança alimentar, a preservação ambiental e a cultura local. Com isso, espera-se não apenas a preservação dos quintais femininos, mas também a promoção de novos espaços de aprendizado e inovação, onde a perspectiva das mulheres seja central para a criação de soluções mais inclusivas e sustentáveis.

Diante do exposto, portanto, que os quintais femininos, além de garantir a subsistência e a segurança alimentar, funcionam como espaços de resistência cultural e de preservação de memórias, contribuindo de maneira significativa para o fortalecimento da identidade coletiva das mulheres e para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades. Diante desse cenário, fica claro que os quintais femininos devem ser reconhecidos e valorizados não apenas como espaços produtivos, mas como locais de empoderamento feminino e de preservação cultural, merecendo maior atenção das políticas públicas voltadas à sustentabilidade e à igualdade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, ficou claro que os quintais femininos vão muito além de simples espaços de cultivo. Eles representam uma ligação profunda entre as mulheres, suas famílias e a terra. Os quintais se configuram como lugares onde as tradições se mantêm vivas, onde o conhecimento é transmitido e adaptado de geração em geração. São locais de resistência, de luta diária e de reafirmação de identidades, especialmente em um contexto social e econômico que, muitas vezes, marginaliza essas práticas.

Os quintais urbanos, apesar das limitações de espaço e do avanço da urbanização, mostram-se como pequenos refúgios de sustentabilidade e memória. As mulheres que cuidam desses quintais conseguem, mesmo em áreas restritas, cultivar hortaliças, frutas e plantas medicinais que garantem a alimentação da família. Ao fazer isso, elas mantêm viva a tradição aprendida com suas mães e avós, criando uma continuidade entre o passado e o presente. Além de fornecerem alimento, esses quintais são espaços de afeto e de lembranças, onde o simples ato de plantar torna-se um gesto de resistência e cuidado.

Já nos quintais rurais, a função se amplia ainda mais. Esses espaços não apenas garantem a subsistência, mas também representam uma fonte de renda para muitas famílias. O cultivo da mandioca, por exemplo, é um trabalho coletivo, que envolve toda a família e resulta na produção de farinha, um produto central na alimentação e na economia de muitas comunidades. As mulheres, com seu conhecimento ancestral sobre o cultivo da terra, são as principais responsáveis por manter esses quintais produtivos, conectando o espaço doméstico à economia local e à sustentabilidade.

A pesquisa também revelou que os quintais femininos são muito mais do que locais de produção agrícola. Eles são espaços de autonomia e empoderamento, onde as mulheres exercem controle sobre o que cultivam e sobre a forma como gerenciam esses recursos. Além disso, os quintais funcionam como redes de apoio e solidariedade entre as mulheres da comunidade. Por meio da troca de mudas, do compartilhamento de técnicas de cultivo e da ajuda mútua, as mulheres fortalecem laços e constroem relações baseadas na cooperação.

A importância dos quintais para a segurança alimentar é outro aspecto que merece destaque. Em um cenário de crescente dependência de alimentos industrializados, os quintais oferecem uma alternativa saudável e sustentável. A produção de alimentos frescos e sem agrotóxicos garante uma dieta balanceada e mais saudável para as famílias, ao mesmo tempo em que contribui para a preservação do meio ambiente.

Por fim, este estudo destacou que os quintais femininos são, acima de tudo, espaços de resistência. Eles simbolizam a luta diária dessas mulheres por autonomia, pela preservação de suas tradições e pela garantia de um futuro mais sustentável. Em cada planta cultivada, em cada fruto colhido, há uma história de resiliência, de força e de conexão com a terra. Reconhecer e valorizar esses quintais é essencial para que possamos compreender a profundidade de suas contribuições não apenas para as famílias, mas para toda a comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ARAGUAÍNA. Projeto Político Pedagógico Acessado em: agosto de 2024. In: <https://transparencia.araguaina.to.gov.br/transparencia/educacao/projeto-politico-pedagogico>

BRITO, Carolina Azevedo de. Mulheres rurais e seus quintais produtivos: Empoderamento feminino, sustentabilidade e segurança alimentar. 2020.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Socioambientais. Goiânia: UFG. 2010.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. Nova York: Livros Vintage, 1981.

Ellen, R.; Harris, H. 1996. Concepts of Indigenous environmental knowledge in scientific and development studies literature: A critical assessment, draft paper east-west environmental linkages. Network workshop 3, Canterbury. In: Anais da xiv reunião de jardins botânicos brasileiros: as plantas e o homem. Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Jardins Botânicos, 2006. p. 47.

FEYERABEND, Paul. Contra o método. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. (1968) 1ª ed. França - São Paulo: Edições Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

<https://siga.araguaina.to.gov.br/araguaina/>

IBGE. Censo de 2022. Panorama populacional. Acessado em: 10 de agosto de 2024. In: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal

MARANGONI. Ana Maria Marques Camargo. Técnicas e Instrumentos de Apoio à Pesquisa Geográfica e Ciências Afins. In.: VENTURI, Luis Antonio Bittar org's. Praticando a geografia: Técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2005, p. 167 – 174.

MARTINELLI, Marcello. Um atlas geográfico escolar para o ensino-aprendizagem da realidade natural e social. Portal da Cartografia. Londrina, v.1, n.1, maio/ago., p. 21 - 34, 2008. Disponível in; <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia>. Acessado em maio de 2024.

MIQCB. Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. In: <https://www.miqcb.org/>. Acessado em setembro/2024.

PEREIRA, Amanda Gonçalves. Divisão sexual do trabalho: limitação à igualdade de gênero e ao desenvolvimento. 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos De Saberes y de Territórios: diversidade y emancipación a partir de la experiencia latino-americana. Polis, Revista de la Universidad Bolivariana, Volume 8, Nº 22,2009, p. 121-136.

PRIMAVESI, Ana Maria. AgroAgricultura: Experiências em Agroecologia- v. 5 - de 2008> disponível em <https://ciorganicos.com.br/biblioteca/agroecologia-e-manejo-do-solo-2/>>acessado em 10 de agosto de 2024.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e perspectivas. In: Maria Nazareth Soares Fonseca. (Org.). Brasil Afro-brasileiro. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 307-326.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. Traduzido por Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata França Pereira com a colaboração de Millena Portela, Tércila Duarte e Ubiratam Barros. A Revista Geográfica, v. 65, n. 2, abril. 1975. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7335219.pdf>. Acesso em 18 de agosto de 2024.